



GIL VICENTE

Semanario monarquico-Integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: Aven. do Comercio, 104



VISITAÇÃO
*Pardiez! siete arrepolones
Me pegaron á la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones
VÁQUEIRO*

Director — D. José Ferrão
Editor — M. A. d'Oliveira
Comp. e imp.: TIP. LUZITANIA
Rua Gravador Molarinho, 47
GUIMARAES

A Festa da Padroeira

Depois das Festas



Já se sumiram os últimos ecos das nossas festas, que estiveram brilhantes e imponentes.

E' agora a ocasião propicia de fazermos um balancete, embora resumido, aos progressos da nossa terra.

Disse já que, no auo findo, a nossa terra foi muito visitada e todos foram concordes em reconhecer o nosso valor industrial patenteado na grande e memoravel Exposição.

Devíamos, portanto, encher-nos de brios e juntar o util ao agradável; isto é: *juntar o trabalho á limpeza e aceio da nossa cidade.*

Aconteceu assim? Vejamos:

De todas as boas promessas que nos fizeram por ocasião desse grandioso certamen, nenhuma, até hoje, foi cumprida. E fizemos nós alguma coisa para as lembrarmos? Não. Tudo se desfez, tudo se esfacelou e tudo voltou ao mesmo estado de apatia eterna. Voltou o matraquear dos teares, o bater dos ferros, a faina dos cortumes, a laboração dos pentes, etc., etc. e ninguém mais se lembrou de que a nossa cidade também precisava que se lhe dispensasse um pouco de atenção.

Está tudo caro, dizem, para se fazer qualquer coisa de jeito. Mas também agora se vende mais caro e se gauha proporcionalmente mais dinheiro. E tanto assim que, de ano para ano, mais estabelecimentos fabris se constroem e mais armazens abrem as suas portas para venderem os produtos fabris, com a agravante de ocuparem edificios completos em prejuizo daqueles que já não teem um cantinho sequer onde se meterem.

Que progresso ou melhoramento teve a nossa cidade no intervalo de um longo ano? NENHUM. Tudo a mesma coisa. E até se chegou á triste condição de não possuirmos um hotel onde se possam hospedar as pessoas de representação que nos visitem.

Assim aconteceu este ano com o Sr. Ministro da Guerra que teve de ser hospedado num hotel das Taipas.

A que triste e misera situação chegamos!

VIMARANEMSES! ENVERGONHEMO-NOS DO ABANDONO A



Paraseve

*O coração que estás batendo incerto,
eu sei porque é que bates na incerteza!
Disse-te o rio aqui á mão, bem perto,
que se marchava á terra portuguesa!*

*Tanto bastou p'ra que no teu deserto
glorisses: açucenas com pureza,
ó coração, vassalo do Encoberto,
vivendo sempre numa flama acesa!*

*Ao fundo, sobre os longes, mora a neve...
Paixão de Cristo na paixão do rio.
Toledo á hora-sexta Paraseve.*

*E o Tejo passa, angustiado e estreito.
Põe-te a correr com eje ao «desafio»,
ó coração que bates no meu peito!*

ANTONIO SARDINHA.

Prepara-se a nossa cidade para prestar á Virgem Padroeira, as suas homenagens.

Hoje, realizar-se-há a festa do Pelote, com missa campal e sermão pelo distinto orador sagrado sr. dr. Leonardo de Castro.

Amanhã, sairá uma imponentissima procissão, incorporando-se todas as Irmandades da cidade. A guarda de honra foi confiada aos nossos "Scouts".

O rev. dr. Leonardo de Castro fará o sermão alusivo a esta imponente solenidade.

A Virgem da Oliveira, Padroeira da cidade, tem uma grande tradição historica. A ela andam ligados alguns dos mais memoraveis feitos dos nossos gloriosos antepassados.

E o feito de Aljubarrota não será devido á intercessão da Virgem?

Não seria em reconhecimento á Virgem que o Santo Condestabre se isolou do mundo e passou a viver uma vida de oração, uma velhice consagrada a Deus, como tinha consagrado á Patria a sua mocidade?

Foi neste mez de Agosto de calor ardentissimo que se desenrolou uma das mais formidaveis batalhas que a nossa historia regista. Foi nesta batalha que se immortalizou o Condestabre D. Nuno. Estava ganha a partida. Mas o Mestre de Avis quiz vir prestar as suas homenagens á Virgem da Oliveira.

Vamos nós hoje, Vimaraneses, como o Mestre de Avis, vender-lhe as nossas homenagens, pedindo-lhe dias de Paz, Ventura e Felicidades para a nossa Patria de tão belas tradições.

Escotismo

A educação da mocidade é um dos problemas mais importantes da vida portuguesa.

A dissolução dos costumes, o vicio campeando infrene na cidade, auxiliado na sua tórva missão por perversas ideologias, reflecte-se já na celula principal da sociedade, a familia.

Fóra dela parecem conjurados todos os elementos para realisarem uma obra de occultos fins...

A creança, no seu mais critico periodo, quando se desenvolvem as suas faculdades intellectivas, acha-se rodeada de invisiveis inimigos que á sua alma em formação dirigem traiçoeiros ataques.

O mundo patente a seus olhos é cheio de ignominias, a sociedade livre e desbragada.

Na escola os compendios didacticos ensinam-lhe mentiras, ou verdades tendenciosas e são raros os mestres que da sua missão tenham uma elevada e justa compreensão.

A moral media tem um baixo nivel.

O prototipo da honra quasi não existe, reduzindo-se a virtude a uma coacção de policia.

As publicações literarias gozam

QUE TEM SIDO LANÇADA A NOSSA CIDADE.

FAÇAMOS ALGUMA COISA PELO SEU ENGRANDECIMENTO.

AVANTE! PELA NOSSA CIDADE! POR GUIMARAES!

VILAFLOR

da mais absurda liberdade na sua obra de envenenamento social.

Por fim a religião, factor poderoso da vida social, é classificada de mera utilidade domestica, sendo obrigada por força de lei a enclausurar-se nos espiritos e tolerada apenas nas suas manifestações externas.

Assim ela é sistematicamente expulsa da vida publica e inclusivamente do seu capitulo da educação.

Bloqueados por esta forma os espiritos juvenis é facil de admitir qual será a formação moral dos homens de amanhã.

Supõe-se decerto que um culto materialista assimilado pelas lições recebidas e adquiridas lhes dará um sentido verdadeiramente pratico, bem civilisado, em que o prazer e o dinheiro serão pares.

Na casa paterna onde, por enquanto, é licito seguir-se a lei de Deus, no doce amor das mães, tem de ser temperada toda a ação dissolvente dos costumes e das ideias modernistas.

Mas nós atravessamos em uma época difficilissima nesse ponto.

E' que são raros os pais que possuem hoje a cultura necessaria para eficazmente se poderem oppor aos ferozes inimigos da alma dos seus filhos.

E tanto mais que esses pais estão bem integrados na época são eles os cidadãos que possuem soberania.

Dos seus lares abalaram muitas vezes as leis e os dictames da honra e da virtude cristã.

As leis civis instauraram neles o principio da desarmonia, abolindo o vinculo conjugal e a autoridade paternal. As doutrinas liberais e individualistas fiseram o resto.

QUADROS DA GUERRA



O CRISTO DE NEUVE CHAPELLE

(AGUARELA PELO CAPITÃO J. SUPICO)

Não é ocioso perguntar como serão formados moralmente os homens de amanhã?

Donde virá a reacção contra este espirito destruidor, que ameaça nos seus fundamentos a nossa Patria?

Formar-se-ha escola de entre os homens conscientes de hoje?

Vencerá a Igreja catolica a luta que contra ella travaram os sicarios do individualismo pagão?

Será possível uma auto-organização de ideias entre a geração nova ao constatar a poéridão da sociedade em que vivem?

Sob qualquer das formas que presurgivelmente se verificarão simultaneamente, ha um ponto que não convem descurar: o problema da educação.

Instruir não é educar, desnecessario é repeti-lo.

E' mais importante para a pessoa e até para a colectividade o segundo ponto do que o primeiro. Quem deve educar?

Em primeiro lugar a familia. Mas já mostrei como a dissolvença dos costumes atacou esse elemento

Idealmente a educação deveria ser ministrada paralelamente na familia, na escola e na vida publica.

Vimos, porem, como a escola, especialmente a escola publica, é, com excepções, um elemento pernicioso de educação. E como a vida publica não oferece a correção que costuma exercer um nível elevado de moral media.

Isto obriga-nos a reflectir um pouco na instituição que entre nós se está introduzindo e imitando com a designação de «escotismo».

O «escotismo» nasceu da iniciativa de um official inglez Sir Robert Baden-Powell, que tendo a seu cargo a defesa de Mafeking, na campanha do Transvaal se lembrou de utilizar os rapazes da cidade para suprir a deficiencia da guarnição, organizando um batalhão suplementar que empregava em varios serviços: agentes de ligação, sinaleiros, exploradores, etc.

Aproveitando assim certas qualidades que são comuns nas crianças a quem não é vão recorrer apelando-se para sentimentos humanos como a coragem, a generosidade, a honra; o illustre militar

descobriu um dos maiores principios da educação: a confiança.

Comparando os jovens desportistas inglezes, egoistas e acanhados, com os seus rapazes de Africa, generosos, entusiastas e decididos, entreviu o que poderia fazer para o engrandecimento do Imperio:

«Apresemos-nos, disse, a formar caracteres, homens de dever e de religião, sempre prontos para tudo; menos instrução livresca, mais educação humana...»

E em Agosto de 1901 levou trinta rapazes para a ilha de Brownsea e iniciou-os na vida colonial.

Em 1910 o coronel Baden-Powell era o chefe do «escotismo» em Inglaterra e os seus trinta rapazes são hoje cerca de 400.000, com quasi outras tantas raparigas. Na America 600.000.

Anteriormente o francez Julio Verne e o poeta inglez Rudyard Kipling tinham despertado com os seus livros de aventuras milhares de curiosidades infantis, que se transformaram em vontades decididas no momento em que se lhes ofereceu um campo de acção.

Oicamos ainda Baden-Powell: «Agarrar os rapazes, abrir-lhes o espirito e extrair-lhes a personalidade—não ha dois iguais—o fazer deles homens de valor para o seu paiz e para Deus; auxilia-los a serem afervorados trabalhadores, pessoas honradas e viris, animados de sentimentos fraternais para com o proximo. E' pelo valor dos seus cidadãos e não pela força das suas armas que um paiz se torna superior aos outros.»

Eis a origem do escotismo. Esse espirito de aventura—que em tão alto grau existe nos portugueses—tornava na insular Albion certas qualidades naturais que já possuíam os seus homens numa sistematização que correspondia a uma necessidade nacional: o adextramento para função colonial, a preparação moral e fisica de elementos de valor que o Imperio britânico precisa, hoje mais do que nunca, para o exercicio da sua politica economica.

Ter-se-hia reconhecido que a educação da familia, a educação religiosa (ali completamente livre) e a educação publica eram insuficientes para a formação moral dos rapazes? Creio que não.

Mas o escotismo oferecia um

processo que participava de todos esses elementos com a vantagem da uniformidade e de um objectivo perfeitamente nacional: o culto do dever para com Deus, para com a Patria e para com o proximo.

O escotismo ganhou outros paizes.

Na França são cerca de 15.000 por enquanto.

A primeira organização data de 1911, fundada em Nice pelo abade de Andréis, com o nome de *Eclaireurs catholiques de France*.

Existem actualmente trez grandes Federações, unidas por uma camara inter-federal.

São os *Eclaireurs de France* (não confessional) os *Scouts de France* (catolicos) e os *Eclaireurs Unionistes* (protestantes).

Os seus fins, metodos, espirito são identicos, distinguindo-se apenas pelas suas tendencias religiosas. Existem tambem organizações de raparigas.

Uma observação importante a fazer é de que o escotismo não se confunde com as sociedades desportivas ou de preparação militar.

O desporto para elles é um meio não um fim. A sua base é uma exigencia moral, é a honra que faz apelo.

Sobre o merito do escotismo muito haveria a dizer a analisar e a discutir mas limito-me a apresentar estes prodromos.

Na sua essencia é uma instituição util.

Na pratica carece de exercicio de um verdadeiro apostolado, de um levantado sentido moral e patriótico dos seus chefes. E entendo que os pais timoratos não deverão ver com desagrado que nessa escola de acção e de brio os seus filhos adquiram as virtudes que uma educação comestinha e restrita difficilmente lhes poderá dar.

O problema do escotismo em Portugal já foi posto.

Existem organizadas algumas sociedades a cuja direcção falta porventura o prestigio de um Baden-Powell, de um Maud'Huy ou de um Selins.

Não conhecendo a historia do escotismo em Portugal parece-me porem que á sua adopção não foi estranho, pelo menos da parte dos poderes publicos, o facto de poderem representar uma manifestação de laicismo que seria vista com bons olhos pelos nossos argutos livres-pensadores.

As nossas festas

Com grande brilhantismo, e como foi anunciado, realisou-se a Festa da Cidade, conjuntamente com a patriótica festa da condecoração da Bandeira do bravo e heroico regimento de Infantaria 20.

Pelas 10 horas do dia 3, celebrou-se na Colegiada por iniciativa do Clero, a missa sufragando os mortos da Brigada do Minho, com a assistencia de S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Snr. Arcebispo Primaz e srs. Ministro da Guerra, Governador Civil, presidente da Camara, General da Divisão, Comandante e Officiais do 20, Escoteiros, Associações de Classe com os seus estandartes e innumero povo.

Finda a missa proferiu uma brilhante e patriótica alocução o rev. dr. Conego Luiz Lopes de Melo, heroi da Grande Guerra, que ostentava as suas condecorações.

Às 2 horas da tarde o Toural era de um efeito soberbo, ostentando algumas janelas riquissimas colgaduras.

Junto da Igreja de S. Pedro, foi armada uma tribuna, onde tomaram logar o snr. Ministro da Guerra, S. Ex.^{ma} Rv.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz, General da Divisão, capelães, governador civil, autoridades civis e militares da nossa cidade, associações, uma deputação da Sociedade Martins Sarmiento e muitas pessoas de representação.

Pouco depois das 2, 30 é mandada avançar a Bandeira do 20, a que faziam a guarda os solda-

dos do regimento com mais serviços prestados á Patria.

O sr. Ministro da Guerra adeantou-se no estrado e tirando duma salva, que um capelão militar conduzia, as insignias da Cruz de Guerra, colocou-as na bandeira.

Foi um momento de intensa comoção aquele. Não se ouvia um sussurro, comungando todos na comovente e patriótica cerimonia.

Depois, os clarins vibraram o toque a «sentido»!—As palmas estrondearam então repetidas e prolongadas: os vivas ao 20 eram delirantes e inintermittos, de mistura com aclamações á Patria, enquanto as senhoras nas janelas acenavam com lenços brancos.

Soldados do 20 dos que estiveram na Flandres, com os peitos medalhados, cobertos com os capacetes de campanha, choravam, recordando, decerto os duros transees da campanha.

O comandante de Infantaria 20 disse, depois, algumas palavras alusivas ao acto e o snr. Arcebispo Primaz leu uma patriótica alocução.

Começou por dizer que ainda que não tivesse sido convidado não faltaria a prestar as suas homenagens ao 20, ao regimento de bravos que guarda Guimarães.

E' a cidade deste nome, uma cidade que se consagra ao trabalho, de grandes virtudes civicas, moraes e religiosas, obediente á lei e cujos filhos tão boas provas deram de si na grande guerra.

O 9 de Abril—disse S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} foi apenas um cheque que reaviguou as energias que contribuíram para a vitoria final. Louvros pois aos bravos do 20 aos valentes soldados de Guimarães que, guarda tão ciosamente as tradições de Portugal. (Muitos aplausos e vivas á Patria).

As ultimas palavras de S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} são calorosamente applaudidas, sendo levantados muitos vivas ao «nosso prelado», á Igreja catolica e á Patria.

Após, organizou-se um cortejo que desfilou deante da tribuna, pela seguinte ordem:

Cavalaria da G. N. R. de Braga, associações, banda de musica de infantaria 8, scouts Martins Sarmiento, bombeiros de Visela, Fafe e Guimarães, banda do 20, destacamento de cavalaria 11, infantaria 29, 8 e 3, 8.º grupo de metralhadoras, regimento de infantaria 20 marchando em colonas de secção, banda de infantaria 30 e muito povo.

O cortejo seguiu para o quartel do regimento homenageado, onde se fez o descerramento duma lapide com os nomes dos mortos da guerra e junto da qual foram colocadas ao pôr do sol as bandeiras militares sob a guarda dum pelotão de honra.

Este momento é solene e a assistencia coroa com grandes salvas de palmas a comovente cerimonia.

Usa a seguir da palavra o illustrado official de Infantaria 20, porta Bandeira, e nosso querido amigo Tenente José Guedes Gomes, que produz um brilhante discurso que muito e muito calou no animo do seletto auditorio.

O distinto official ao terminar a sua formosa e comovente oração é vivamente felicitado, repetindo-se as ovações do principio. Estava terminada a Festa Militar.

À noite realisou-se a «Marcha Milaneza», da iniciativa dos Empregados do Comercio, feérico e belo cortejo luminoso, extenso e bem organizado.

No Jardim e no Campo da Feira houve festivais que foram muito concorridos.

As «garraiadas» tiveram muita concorrência, assistindo o sr. Ministro da Guerra.

Ildefonso de Almeida, no toureiro a cavalo, conseguiu brilhar.



O PESADELO

Rodrigo Teixeira, infeliz. O resto, «toureiros» e garraios o costume. Muito trambulhão e ferros espetados em qualquer lugar. Na segunda feira partida para Lisboa do sr. Ministro da Guerra e comitiva, retirada das delegações dos Regimentos da Brigada do Minho e bandas militares e, à noite, iluminações no Campo da Feira, concerto pela Banda dos Bombeiros Voluntários, descantes e bailados, etc.

Sua Ex.^a o Comandante de Infantaria 20, recebeu a seguinte nota do Ministro da Guerra: Cópia—Ministerio da Guerra—Repartição do Gabinete Serviço da Republica N.º 3108 Ex.^{ma} Snr.—Sua Ex.^a o Ministro da Guerra, deves pendorado pela fidalga hospitalidade que recebeu durante a sua estada em Guimarães, Taipas e Vizela, e pela recepção e acolhimento que teve nestas encantadoras localidades, conhecendo a parte importante com que V. Ex.^a contribuiu para as homenagens que lhe foram tributadas e para o brilhantismo excepcional dos festejos comemorativos da aposição da Cruz de Guerra de 1.^a Classe na Bandeira do Heroico Regimento de Infantaria 20, encarrega-me de apresentar a V. Ex.^a os protestos da sua maior gratidão, a que junta felicitações sinceras—Aude e Fraternidade—Lisboa, 6 de Agosto de 1924—Ex.^{ma} Snr. Coronel Julio José Lage, Comandante Militar e Presidente da Comissão das Festas Comemorativas da aposição da Cruz de Guerra na Bandeira do R. I. 20—Guimarães—O Chefe do Gabinete—(a) Oliveira Simões—Tenente Coronel.

APRECIACÕES

Povo Soberano

Moção das Juntas de Freguesia da cidade de Lisboa, votada por unanimidade em 30 de Junho de 1924, mandada afixar publicamente em todo o país, e onde se verbera asperamente a acção dos empregados de S. Bento:

As Juntas de Freguesia da cidade de Lisboa, reunidas em sessão conjunta, e no pleno direito de falarem alto e claro, em nome do povo que legitimamente representam, e com cujo sofrimento se encontram absolutamente identificadas, resolvem lavar o seu mais energico protesto contra a acção perniciososa dos pseudo-representantes da Nação, que a ingenuidade do eleitorado fez ingressar no Parlamento, onde eles só tem contrariado a obra de reconstituição nacional, que todos os portugueses reclamam e que é de urgente realisação.

Conferencia

Por iniciativa da Juventude Catolica, realizará hoje uma conferencia, no Teatro D Afonso Henriques, o distinto orador e publicista rev. dr. Valerio Cordeiro. Ha grande interesse em ouvir tão distinto conferente.

O sol bateu de chapa no marco da estrada, onde se lia: K 1907. Lá iam andando, devagar, ladeira acima; o carro já velho cheio a transbordar de boa gente, alegre, tolerante, rica, pobre, gente ilustre e gente ignorante (esta em maior numero). O cocheiro, um homem alto, gordo e leuro, com um grande charuto na boca e na cabeça largo e vasto «manzantini», ia muito distraido, olhando para o lado e abandonando as rédeas aos dois machos. O da seia chama-se «Progresso» e o da mão dava pelo nome de «Tempo». Este pucha certo devagar sim, mas sempre andando, o outro, quadrado, sempre atrás do e tropeçando.

Contudo os passageiros riam e confiantes contavam uns aos outros os seus trabalhos, detalhando as próprias vidas para matarem o tempo. O condutor, homem magro, parecia padecer de nevralgias mas, delicado ia fazendo a cobrança, fitando preocupado um grupo que no fundo do carro discutia com um homem de péra. O caminho era mau e o carro, por vezes, dava solavancos, o que fazia contundir os passageiros e convergir o assunto das conversas para o cocheiro.

Uma voz dizia conciliadora: —«Ele sabe daquilo... é pena ir sempre distraido... não repara nas covas, nem nos obstáculos e o resultado é andarmos aos encontros mas... os senhores desculpam...» Outra voz: «¡Ora essa!» «¡Isto é tudo gente boa!» Nisto um solavanco maior, provoca o mau estar dentro do carro e o homem de péra, aproveitando, sobe acima do banco toma a palavra e com grandes gestos exclama: «¡Isto assim não pode continuar!»...

«Aquele cocheiro não faz ca.o, não sabe nada daquilo... o que quer é só fumar!... Se eu fôra ali, os senhores veriam o que era andar e... direitinho e até lhes prometia que pagariam menos!»... O grupo dele aplaudia, mas a maior parte deixava-o falar e nem caso fazia.

O condutor foi inquieto conferenciar com o cocheiro e o certo é que o carro indireitou-se logo. O cocheiro tomando uma atitude decidida, pegou nas rédeas, incitou o «Progresso» e tudo ia a melhor e na paz do Senhor.

Só o condutor é que se mostrava apreensivo e deixava olhares desconfiados ao grupo do homem da péra; olhares que traduziam uma resolução energica a tomar se o grupo de novo manifestasse indisciplina.

Pelo cair da tarde pouco tinhamos andado aiem do quilometro 1908.

A viagem monotona e menos incomoda agora fazia adormecer os passageiros. Só o grupo do homem da péra, de vigília e sempre em surdina, discutia.

Era escuro. «¡De repente ouve-se um tiro!... sobre-salto! outro tiro!... outro e outro e muitos mais. O carro para Pânico; ouvem-se gritos de aflicção, alguns passageiros fogem; outros escondem-se e o condutor atira-se abaixo do carro e desaparece. Vê-se então o cocheiro cair pa-

ra traz na almofada

Corre-se de um lado para o outro: a confusão é imensa. Depois e bruscamente, o silencio.

Os amigos do cocheiro levantam aquele corpo, levam-no e apressadamente dizem para o filho do ferido: —«Segure aí nas rédeas, nós já voltamos.»

Os passageiros a pouco e pouco surgem dos esconderijos e a medo investigam: —«O que seria isto?—Vozes esclarecem: mataram o cocheiro a tiro; parece que foram dois homens embuçados e escondidos á borda da estrada que o esperavam.—Consternação geral; alguns choram, outros escondem-se novamente. Do grupo do homem da péra, ninguem sabe.

Lentamente volta o ânimo a todos e nota-se com espanto que o carro começa a andar!

Então todos os olhares curiosos convergem para o cocheiro.

Uma mulher exclama:—«Olha é um rapasinho muito novo e que bonito que ele é!

Uma menina detalhando:—«¡Está tão palido! Tão triste!... Coitadinho... mal empregado.»

Outra voz esclarece:—«E' o filho do primeiro, fica agora no logar do pai mas não tem pratica coitado.»

—«E o condutor?» Todos os olhos se viram para uma figura anafada e grave.

Uma voz:—«Que linda farda que ele tem! ¡E está tão vermelho!»

Um professor primario exclamando:—«E' que acabou de jantar bem.»

Emfim por entre os comentarios o carro vai seguindo e a custo percorre mais dois quilómetros ao fim dos quais ha nova paragem, motivada pela mudança de condutor, o que se faz com a indiferença dos passageiros sonolentos, sendo apenas notada pelo professor que pergunta tristemente aos seus botões se o gordo condutor irá jantar outra vez. Tudo dorme e apenas se ouve o cochichar de vezes que julgo serem do grupo do homem da péra, escondido ainda em qualquer canto.

O novo condutor é gordo tambem e parece sofrer do estomago, porque de um dos bolsos do casaco espreita o gargalo de uma garrafa de agua do Vidago.

Chegamos agora ao quilometro 1910, ao cimo da árdua ladeira. E' noite morta. Na escuridão nada se distingue, mas eu vi surdir, aproveitando o escuro, o homem da péra do seu esconderijo, chegar á janela e fazer um sinal.

Logo apoz, ouvem-se descargas de tiros de peça e grande barborinho. Acorda tudo sobresaltado, chovem as bombas que ninguem sabe de onde veem, apenas se distingue por entre os clarões dos tiros, um homem de lunetas e de galochas que parece ser quem comanda todo aquele barulho.

Os tiros rivalisam com as vivas berradas e dirigidos a uma mulher bexigosa que tem um lenço vermelho nos desgrehados cabelos e que até então ninguem tinha notado.

Os passageiros pela força do habito tornam a esconder-se e a fugir e, do meio daquela confusão imensa, surge um homem esguio, de espada na mão, cara energica que se dirige ao condutor, increpando-o fortemente e dando algumas espadeiradas no grupo assal-

tante. Mas, o condutor... dormia e tal era o sono que não deu pela fuga do cocheiro nem da propria, empurrados que foram para fora do carro, por toda aquela malta que o assaltou. Lesto como um gato, o homem da péra, agarra logo nas rédeas abandonadas e berra para um dos do grupo:—«Muda lá a bandeira do carro... oh coisa!»

Este começa a descer a ladeira; dentro reina a desordem, todos berram, todos querem ser condutores, ha discussões exaltadas, muitas vivas á mulher bexigosa, ao cocheiro, ao homem das lunetas de tal sorte que os passageiros são tratados como mercadoria incomoda, empurrados contundidos, confundidos, não tendo remedio senão resignar-se e emudecer de terror.

Ha um momento de espanto, misturado de indignação mas apenas esboçada, quando a mulher bexigosa se levanta e, tirando do sovaco húmido um trapo negro, o desdobra, mostrando-o enraivecida a todos berrando:—«¡Isto é a reliquia de um heroi!»... E, envolve-se nele!

Era um gabão! Grandes aplausos, ha mulheres que ajoelham outras atiram flores, dos passageiros, poucos tapam a cara, para não verem o quadro e um pergunta-me baixinho ao ouvido, incredulo e duvidoso:—«¡Serão da nossa terra aquelas mulheres?»

O carro dá enormes solavancos, alguns passageiros ainda tentam protestar, mas o cocheiro volta-se em atitude dominadora sorrindo mordazmente berra: «Isto agora é outra loiça.»

—«¡Jesus!» ¡Credo!» grita uma mulher esmagada!

Grandes gargalhadas: uma voz dominando o tumulto aos berros, decreta:—«Qual Jesus e qual Credo... isso acabou... ¡viva a Verdade!»

(Concluz-)

F. P. MAGALHÃES VILAS BOAS. (Do Livro O Pesadelo).

Farmacia do Hospital da Misericordia

Depois de ter estado fechada por alguns anos, voltou a abrir ao publico esta boa farmacia, adjunta ao nosso hospital.

A limpeza e belo aspecto que ela oferece e, acima de tudo, a comprovada competência do seu gerente tecnico, são motivos de sobejo para ser procurada por quem deseja ser bem servido, pois em artigos medicinais, mais do que em quaisquer outros, se

deve ir a boa fonte, para não se indir a saude, nem os medicos

Fazemos votos pelas suas prosperidades

“GIL VICENTE”

O Gil Vicente não tem a subsidiá-lo nem a bolsa de qualquer financeiro, nem o produto de qualquer Bairro Social, nem das pratas, nem qualquer outra fonte de dinheiro além das quotas dos seus assinantes.

Pedimos, por isso, aos nossos estimados assinantes o favor de nos remeterem para a administração deste semanario a importancia relativa ao semestre corrente, ou seja Esc. 5\$00, em cheque, vale, ou carta registada.

Fazemos notar a todos os nossos amigos que a cobrança pelo correio representa uma despeza que pode ser evitada com facilidade se a referida importancia nos for enviada espontaneamente.

Aos nossos Assinantes

Quando algum dos nossos estimados assinantes mudar de residencia e deseje que o nosso jornal lhe continue a ser enviado, é indispensavel que nos indique a nova direcção.

Igual pedido fazemos aos que se retirem temporariamente para as praias ou campo.

Agradecimento

Sendo-me absolutamente impossivel agradecer pessoalmente a todos aqueles que, dum maneira alevantada, contribuiram para o brilhantismo da patriótica Festa da Condecoração da Bandeira do Regimento de Infantaria 20; cumpre-me mostrar lhes, publicamente, todo o meu reconhecimento, porquanto, quer subcrevendo com donativos quer colaborando para esse fim com toda a boa vontade, demonstraram quanto amor dedicam á sua Terra e á sagrada Bandeira da Patria.

A todos esses, portanto, o meu eterno reconhecimento.

(a) Julio José Lage, Coronel Comandante de Infantaria 20

Sangue - Mocidade - Amor

— POR —

FELIX CORREIA

Acaba de aparecer este belo livro. Paginas onde o sangue da mocidade corre em doidas ancias, nelas passa, umas vezes intensamente, por vezes como sombra fugidia, a doce figura dum Amôr que, por mais mascaradas que afileve, é sempre o mesmo Amôr imperecível e ardente.

A' VENDA NESTA CIDADE

— NA —

Casa Nun'Alvares

RUA DA REPUBLICA

**ESTABELECIMENTO DE MODAS,
FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS.**

Sedas, pelúcias e veludos, Tecidos para vestidos em lã e algodão.
Tecidos para forros em seda e algodão.
Espartilhos da fabrica SANTOS MATTOS.

Salgado - Guimarães

Casa High-Liff

Modas e Miudezas. Chapéus para
senhora e criança

TOURAL

GUIMARÃES

A TENTADORA

BERNARDINO ALMEIDA & COSTA, L. DA

Fazendas brancas, Modas e miudezas
ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES
CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

120, Rua da Republica, 122 e 122 - A

Sempre as maiores Novidades. Exposições Permanentes.

MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

DEPOSITO DE CAL, CIMENTO, TINTAS, VERNIZES
E ARTIGOS CONCERNENTES

PARA PINTOR E CAIADOR.

A Casa que mais barato vende.

Amandio Teixeira de Carvalho

Rua Dr. Avelino Germano—GUIMARÃES.

A ULTRAMARINA

Nova Agencia de Passagens e Passaportes

UNICA CASA QUE NA CIDADE DE GUIMARÃES
PODE TRATAR, CUJO AGENTE OFICIAL É

João Esteves

RUA ELIAS GARCIA (Antiga Rua de Santa Maria)

GUIMARÃES

Esta casa que acaba de abrir legalmente habilitada pelas
Ex.^{as} Surs. Ministro do Interior e Comissario Geral dos Serviços
de Emigração, trata de todos os documentos necessários para obter
passaportes com destino ao — BRAZIL, ARGENTINA, FRAN-
ÇA, AFRICA e HESPAÑHA e mais nações da America e da
Europa. Trata-se de passagens para toda a parte, nos melhores
vapores de todas as Companhias de qualquer nacionalidade.

Dar a preferencia a esta casa é obter a certeza de nunca
terem margem a qualquer reclamação.

O proprietario desta casa procurará todos os meios para
que os seus passageiros sigam ao seu destino o mais rapido pos-
sivel, para, assim, se tornar conhecido o seu nome e a sua casa.

Procurem e peçam informações á ULTRAMARINA e
estas serão dadas gratuitamente.

Dirigir CORRESPONDENCIA ao AGENTE OFICIAL

JOÃO ESTEVES

Passagens e Passaportes — Guimarães.

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Gil Vicente

ANO V N.º 201

2.ª Série N.º 78

Ex.^{mo} Sn.

LEIAM

A NAÇÃO PORTUGUESA

:: REVISTA MENSAL DE ::
CULTURA NACIONALISTA

Director: DR. ANTONIO SARDINHA

Redacção e Administração:

LARGO DO DIRECTORIO, 8-3.º — LISBOA

Modas e Confeccões

JOÃO RIBEIRO

ALFAIATE

Rua 51 de Janeiro, 152

GUIMARÃES

CARPINTARIA VIMARANENSE

A MAIS ECONÓMICA

Rua Elias Garcia (Casa do Arco) — Guimarães

Encarrega-se de todos os trabalhos de construção civil com segurança.

Preço da assinatura

(Pagamento adiantado)

Preço das publicações

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL

Ano 100000 reis
Espanha 150000 »
Africa 200000 »
Brazil 250000 »
Número avulso 2200 »

Anuncios e comunicados, linha 200 reis
Repetições, por linha 150 »
Permanentes, contrato convencional.
Reclames, no corpo do jornal, até 5
linhas, cada um 2000 »
Anunciam-se as publicações que o mere-
çam, mediante dois exemplares gratis.